

COMBATE AO BULLYING NA ESCOLA CONTRA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

TERMISIA LUIZA ROCHA

RESUMO

O objetivo deste artigo foi sugerir projetos pedagógicos a serem desenvolvidos em escolas com a finalidade de combater o *bullying* contra pessoas com deficiências (físicas, emocionais, cognitivas, etc...). Um dos papéis destas instituições é facultar aos alunos vivências afirmativas, por intermédio das quais seja percebido o espaço como lócus a partir do qual, devem coabitar harmonicamente variadas pessoas, com características e peculiaridades, portanto, não podemos olvidar que existem necessidades e direitos a serem respeitados em suas mais diversas singularidades, especialmente no que diz respeito àqueles que possuem ou apresentam deficiências físicas ou intelectuais. Buscou-se conceituar bullying e suas práticas discriminatórias nas experiências escolares de crianças com necessidades educacionais especiais; indicar a necessidade de combater essas experiências preconceituosas para com crianças e jovens com necessidades educacionais especiais no contexto escolar; e estabelecer relações entre o sentido das vivências discriminatórias na escola, a formação e o desenvolvimento de concepções de si (auto-estima, autoconceito, autopercepção) e o desenvolvimento escolar de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais que podem ser comprometidos se expostos a situação de discriminação, quer sejam, àquelas vinculadas a prática de *bullying*.

Palavras-chave: Bullying; Escola; Pessoa com deficiência

ABSTRACT

The aim of this article was to suggest pedagogical projects to be developed in schools with the purpose of combating bullying against people with disabilities (physical, emotional, cognitive, etc ...). One of the roles of these institutions is to provide students with affirmative experiences, through which space is perceived as the locus from which diverse people, with characteristics and peculiarities, must cohabit harmoniously, therefore, we cannot forget that there are needs and rights to be respected in their most diverse singularities, especially with regard to those who have or have physical or intellectual disabilities. We sought to conceptualize bullying and its discriminatory practices in the school experiences of children with special educational needs; indicate the need to combat these prejudiced experiences with children and young people with special educational needs in the school context; and establish relationships between the sense of discriminatory experiences at school, the formation and development of self-conceptions (self-esteem, self-concept, self-perception) and the school development of children and young people with special educational needs that can be compromised if exposed to the situation discrimination, whether those linked to the practice of bullying

Keywords: Bullying; School; Disabled person

Justificativa

Apesar da grande repercussão midiática acerca da violência escolar denominada *bullying*, pouco têm se falado em termos práticos sobre formas de contenção destes atos praticados contra pessoas com deficiências ou necessidades educacionais especiais, sejam físicas, intelectuais, cognitivas, relacionais, etc.

Se por um lado a trajetória escolar tem sido alvo de estudos volumosos acerca dos fatores inerentes às questões biológicas, o mesmo não se dá com relação aos processos do desenvolvimento marcados pelas experiências e possíveis consequências em indivíduos com deficiências e que venham a sofrer com o bullying ao longo de sua vida escolar, quer seja de maneira contínua ou não.

Por isso, logrou-se com este trabalho contribuir para minimizar as consequências, além de lançar luz sobre a presença de práticas discriminatórias contra estudantes com necessidades educacionais especiais em decorrência de deficiências diversas na escola. Por conseguinte, propusemos a caracterização desses atos como violência escolar, ou mais propriamente como *bullying escolar* e consequentemente abrir caminho para aprofundamentos que visem erradicar sua incidência, ainda que a mesma se dê de forma velada.

Final, sabemos que o simples fato de inserir crianças com deficiências ou quaisquer necessidades educacionais especiais em classes regulares não é suficiente para que haja de fato sua inclusão, pelo contrário, por vezes a obrigatoriedade pode engendrar processos que vulnerabilizam ainda mais esse público. Vasta literatura aponta para a inadequada formação dos professores para lidar com o processo de inclusão, todavia, poucos estudos consideram as perspectivas dos sujeitos em processo de inclusão.

O que carece ser analisado é a relação desses alunos com os demais estudantes da escola, pois educar na diversidade é ensinar e aprender junto, independente de diferenças físicas, sociais e culturais, para que assim tenhamos um ambiente que favoreça não somente a aprendizagem, mas o respeito ao próximo e o convívio sadio entre os estudantes desenvolvendo assim uma educação inclusiva no ambiente escolar.

Estamos certos de que entender o *bullying*, qualificando e tipificando estes comportamentos agressivos de uma pessoa contra a outra no âmbito escolar, praticados tanto por meninas como por meninos, é fundamental para qualificar atos e consequentemente viabilizar estudos e enfrentamento. Estes atos ocorrem de maneira repetitiva e intencional

contra um ou mais alunos de forma que os sujeitos agredidos não conseguem esboçar reações e não tem condições de revidar contra a violência que lhes é causada. É uma forma negativa de afirmação para aquele que se vale destes meios para subjugar o outro.

Por isso, dizer que *bullying* é um ato de violência física ou psicológica, intencional e por vezes repetitiva que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou um grupo, contra uma ou mais pessoas, objetivando intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes, é conceituar a ação nociva com consequências pouco estudadas.

O *bullying* pode gerar consequências imediatas e à longo prazo, a pessoa que sofre *bullying* pode se tornar arredia, diminuir o seu rendimento escolar e até abandonar a escola por medo dos colegas/agressores. A longo prazo elas podem desenvolver transtornos de comportamentos que se não tratadas levam à violência para com outro e para consigo mesma. Essas consequências podem desencadear-se na fomentação de adultos violentos.

A escola não pode omitir-se quando ocorre *bullying*, pelo contrário deve levar o assunto ao diálogo e precisa discutir o assunto idealizando e executando ações educativas que corroborem para o estabelecimento de uma cultura de paz nas instituições. Isso precisa se dar com a participação de toda a comunidade escolar, incluindo pais, professores, alunos e demais membros.

Ao agredido a escola e a família devem ensinar o orgulho de ser diferente e este sujeito precisa acreditar que na escola se formam cidadãos e todo aluno precisa se sentir protegido nesta instituição, isso levará o agredido a superar seus traumas e vencer seus medos.

Não é culpa do agredido o fato dele sofrer *bullying*, mas cabe a ele mudar sua postura, dialogar e buscar alternativas para resolver o problema da agressão. Ao agressor a escola e a família precisam ensinar o respeito ao outro, a superação de seus problemas familiares e o valor de cada indivíduo na coletividade escolar.

Por isso, indicamos a necessidade de desenvolver ações nas escolas que visem combater quaisquer práticas discriminatórias e/ou violentas, especialmente as que são infringidas a pessoas com deficiências, por isso, propomos o desenvolvimento de dois projetos pedagógicos para tratar sobre o tema em ambientes de educação escolar.

Objetivo geral

Sugerir projetos a serem desenvolvidos com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com vistas ao combate de práticas de *bullying* contra crianças com deficiência/necessidades educacionais especiais no cotidiano escolar, promovendo formas de

convivência harmoniosa, respeitosa, inclusiva e democrática nas escolas. Busca-se principalmente tratar qualquer forma de *bullying* como algo nocivo e que deve ser extirpado da ambiência escolar educativa.

Discussão bibliográfica

A educação inclusiva é uma realidade atual e muito desafiadora para as escolas, pois o direito a educação não é apenas dar acesso à matrícula escolar, mas garantir a participação e aprendizado dos estudantes ao longo de sua vida, de forma plena e satisfatória.

É preciso combater ações discriminatórias que manifestam-se principalmente quando não respeitam-se as diferenças, neste *interim*, estudamos e chamamos a atenção sobre as atitudes discriminatórias de forma agressiva e reincidentes à tudo que foge dos padrões e, muitas vezes, transformamos intolerância em práticas de *bullying*, não respeitando as pessoas como elas são.

Rejeitar, isolar e criticar é considerado *bullying* e tais práticas contribuem para a exclusão no ambiente escolar, o que constitui um desafio para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, afinal, quer-se a participação de todos. Trazer para dentro da sala de aula e aceitar o isolamento por barreiras físicas e comportamentais é o mesmo que reforçar o distanciamento e a segregação, tão contraditórias às prerrogativas legais e humanitárias

O direito à educação é resguardado pela política nacional de educação independentemente de gênero, etnia, idade ou classe social. A inclusão dos estudantes com deficiências emerge com uma força positiva, respaldados, em termos mundiais, principalmente na Declaração dos Direitos Humanos (1948), na Declaração de Salamanca(1994) e na Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Pessoa Portadora de Deficiência, que ocorreu na Guatemala em 2001.

O século XXI exige de todos nós uma nova postura diante da grande diversidade que vivenciamos. Exige uma sociedade inclusiva, dinâmica, diferente e que respeite a pluralidade cultural. O ser humano tem um papel nessa nova sociedade, pois é nosso dever tratar os outros com respeito, desenvolver valores morais e éticos indispensáveis para o exercício consciente da cidadania.

Para Benevides (1998, p.21) nossa sociedade:

(...) precisa e deve ser moldada com esses princípios, dessa forma o ser humano tende a ser mais maleável e tolerante para com outrem. Educar para a cidadania requer, antes de tudo, uma escola comprometida com os destinos da sociedade, uma

escola onde todas as ações possam convergir para o mesmo ponto, onde o educando seja capaz de governar e ser governado, criando e reivindicando soluções para os reais problemas de sua comunidade. (BENEVIDES, 1998, p.21).

Em Araújo (2007, p.98), lemos que uma educação que pretenda o desenvolvimento de valores voltados para a convivência harmônica entre seus sujeitos não se efetivará se não houver por parte dos educadores o conhecimento sobre como se dá o processo de legitimação de valores e a consciência da importância de uma educação que vá além dos conteúdos acadêmicos. Para o autor:

Entender o funcionamento psicológico do ser humano e como cada pessoa se relaciona consigo mesma e com o mundo à sua volta pode *ajudar na construção de procedimentos e estratégias educativas mais "eficientes" no sentido de permitir a construção efetiva de valores éticos desejáveis* por uma sociedade que almeja promover o desenvolvimento humano calcado na justiça social, a igualdade, a equidade e a felicidade para cada um e todos os seres humanos. (ARAÚJO, 2007, p.98).

Este é o ponto de partida para prever ações e estratégias que facultem uma educação em valores de ética, de democracia e de cidadania. O ser diferente não poderia jamais ser um obstáculo a uma convivência harmoniosa entre as pessoas, até mesmo porque a diferença deveria ser vista como enriquecimento.

Educar na diversidade é ensinar e aprender junto, independente de nossas diferenças físicas, sociais e culturais, para que assim tenhamos um ambiente que favoreça não somente a aprendizagem, mas o respeito ao próximo e o convívio sadio entre os estudantes, desenvolvendo assim uma educação inclusiva no ambiente escolar.

Contrariamente a esse modelo de educação que almejamos, tem-se verificado práticas que contribuem para a exclusão no ambiente escolar o que constitui um desafio para o desenvolvimento de uma educação inclusiva: o *bullying*. O *bullying*, segundo Silva (2010), é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa, sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas.

De acordo com a autora, Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. (SILVA, 2010, s.p).

A escola é um espaço da diferença, da diversidade, e é, exatamente por isso, um espaço de conflitos. Para a Declaração de Salamanca (Brasil, 1994), as escolas inclusivas

Cadernos da Fucamp, v.19, n.38, p.80-95/2020

devem: incluir todas as crianças, independentemente das diferenças ou dificuldades individuais, exceto em casos justificados; proporcionar programas educativos tendo em vista a vasta diversidade das características e necessidades de cada criança, adotar uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro das suas necessidades, combater as atitudes discriminatórias, contribuir para a criação de comunidades abertas e solidárias, contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva onde a educação seja para todos.

Werneck (1997, p. 22) democratiza essa discussão de modo a nos tornarmos cúmplices dela afirmando que a “Inclusão deve ser assunto da hora do jantar, de churrasco aos domingos, de reuniões de empresários, do discurso e das práticas diárias de políticos e de governantes e até das conversas românticas de namorados, preocupados em não repetir com seus filhos os erros que transformaram o homem num perito na arte de excluir”.

Refletir sobre a Educação Inclusiva e as práticas de intolerância que ocorre na escola, incluindo o *bullying*, é o primeiro passo para imprimir mudanças significativas em prol da aprendizagem e a uma educação inclusiva.

Por outro lado o ato bullying “ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno” (RAMOS, 2008, p. 1).

Diante desse conceito é necessário que pais e educadores não ignorem o *bullying*, todavia, é importante ressaltar que a cultura a qual pertencemos possui grande influência em nosso comportamento, portanto, pode influenciar nas agressões relatadas pelas vítimas de *bullying*.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA esclarece nos artigos 16, 17, 18, o que significa o direito a liberdade e ao respeito. No que tange ao respeito, o documento cita inviabilidade da integridade física, psíquica e moral a prevenção da imagem, dentre outras. Declara ainda que zelar por esses direitos e dever de todos, para que a criança e os adolescentes alvos de qualquer tratamento desumano violento a constrangedor. E dever da escola a dar a esse indivíduo essa segurança, para que a mesma tenha confiança e sinta-se segura o bastante para relatar o ocorrido.

Por conseguinte, é imprescindível que os pais e professores estejam atentos às crianças em casa ou na escola, sejam elas vítimas do bullying ou autores do mesmo, a fim de que percebam o problema no princípio e atuem sobre ele imediatamente, para que expostos, as vítimas ou agressores não sofram consequências graves advindas do bullying, pois, tais

comportamentos de risco podem comprometer não apenas os vitimados ou agressores, mas colegas não agressivos, professores e os responsáveis pelo apoio pedagógico da instituição, porque se tornam indivíduos em locais de risco constante. Isto porque não podemos pormenorizar o resultado de ações agressivas por parte dos autores, nem tampouco, qualquer alteração de comportamento por parte da vítima.

Metodologia

A abordagem metodológica foi a qualitativa, com pesquisa bibliográfica sobre o tema e montagem de sugestões de dois projetos pedagógicos, dentro da perspectiva da pedagogia de projetos que preconiza que é necessário “ter coragem de romper com as limitações do cotidiano, muitas vezes auto-impostas” (Almeida e Fonseca Júnior, 2000, p. 22) e “delinear um percurso possível que pode levar a outros, não imaginados a priori” (Freire e Prado, 1999, p. 113).

Mas, para isto, é fundamental repensar as potencialidades de aprendizagem dos alunos para a investigação de problemáticas que possam ser significativas para eles e repensar o papel do professor nesta perspectiva pedagógica, inclusive integrando as diferentes mídias e outros recursos existentes no contexto da escola.

Projeto 1

Título: Combatendo todo tipo de Bullying na escola

Público alvo: alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

Justificativa:

A prática do Bullying tornou-se algo comum nos espaços educacionais, provocando cada vez mais atitudes violentas, tantos dos agressores, como das vítimas. Discutir as questões ligadas à prática do bullying com toda a comunidade escolar é importante, pois, proporciona a reflexão e evita que novos casos de bullying ocorra nas unidades escolares. Este projeto pretende atuar, tanto com os alunos, como pais e responsáveis, buscando medidas educativas que combatam as ações de violência na escola.

Desenvolvimento

Etapa I: Roda de conversa para levantar as causas do problema;

Neste momento é importante esclarecer sobre o que é o bullying e as consequências do mesmo. A conversa deve ser descontraída sem chamar a atenção, sem focar diretamente no problema.

Para surtir efeitos positivos os alunos precisam sentir-se a vontade para falar livremente sobre o assunto mesmo sem que se aflorem as situações conflituosas;

Etapa II: Dinâmicas de Grupo;

Dividir a turma em grupos de 5 ou 4 participantes, cada;

Entregar para cada grupo uma folha de sulfite e canetas coloridas.

Explicar que cada componente do grupo só poderá fazer um traço de cada vez para executar o barco e que quando terminar o seu traço deve passar a folha para o próximo colega que por sua vez irá executar o traço que lhe cabe. Por exemplo: O primeiro participante faz o traço que se refere à parte de baixo no barco, cabe então ao próximo participante fazer uma das laterais. E assim por diante até que todos possam ter executado sua parte e o barco esteja, totalmente, desenhado.

Pedir para que iniciem a atividade. Enfatizar que cada grupo deve ter seu desenho pronto no prazo máximo de 2 minutos.

Após a execução da atividade, verificar se todos completaram o desenho e qual grupo a terminou mais rapidamente. (A tendência é que todos os grupos terminem rapidamente e não tenham dificuldade para executar a tarefa).

Agora, explicar que isso foi apenas um ensaio e que irão novamente fazer o desenho do barco, só que agora serão estabelecidas algumas características para cada participante como descritas a seguir. (colocar na lousa ou levar um cartaz).

Participante 1- É cego e só tem o braço direito.

Participante 2- É cego e só tem o braço esquerdo.

Participante 3- É cego.

Participante 4- É mudo.

Participante 5- Não tem os dois braços.

Obs: Essas combinações são feitas de acordo com o número de participantes de cada grupo, podendo ser acrescentadas ou retiradas dificuldades. O facilitador pode levar fitas para prender a mão ou mãos dos participantes que não podem usá-las, pois estes tendem a não respeitar as instruções até mesmo por ato reflexo. Outras combinações podem ser feitas: cego e surdo, só tem o braço esquerdo, etc.

Depois de explicado quais serão as dificuldades dos membros do grupo, pedir para que estabeleçam quem irá assumir qual característica, entregando as vendas para os que serão cegos, tiras de pano para amarrar os braços que não deverão utilizar e tapa ouvidos para os surdos.

Quando todos estiverem prontos, estabelecer o tempo de 4 minutos para que executem a tarefa.

Obs: O facilitador deverá permanecer em silêncio, apenas observando o trabalho. Caso alguém solicite ajuda ou informações, reforçar as instruções já ditas sem dar outras orientações. Caso algum participante faça perguntas do tipo está certo? Pode fazer assim? Deixar o grupo decidir. Não deve interferir. Estas situações poderão ser retomadas no momento de debate, para análise e como ilustração para outros comentários.

Etapa III: Aprofundando o tema com o estudo de uma cartilha

Nesta etapa os alunos terão acesso a uma cartilha explicativa sobre o bullying.

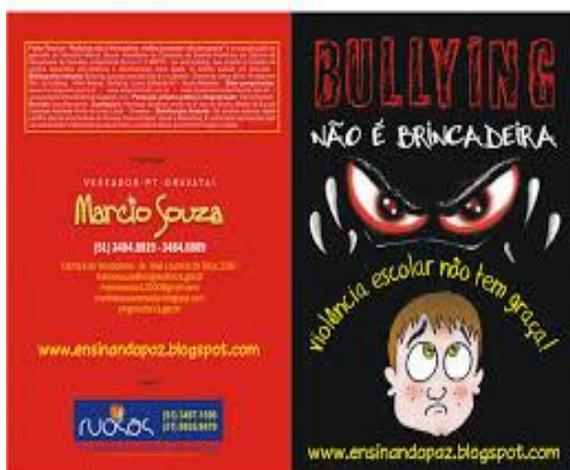


Figura 1 - Imagem da cartilha¹

No primeiro momento os alunos estarão em círculos e cada um irá receber uma cópia da cartilha a ser estudada em sala de aula.

Deixar os alunos manusearem a cartilha.

Conduzir a leitura da cartilha usando a técnica de pausa protocolada.

Ao final da leitura fazer perguntas como “o que é o bullying?” “Quem sabe de alguém que sofreu bullying?” “Alguém da turma já cometeu bullying?”.

¹Imagem disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=cartilha+bullying&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjtIprHIdLTAhWMIZAKHRDUBBUQ_AUIBigB&biw=1366&bih=662#imgsrc=vsNjIMpaiJWemM

Cadernos da Fucamp, v.19, n.38, p.80-95/2020

Ouvir os alunos, citar casos e permitir que as crianças contem casos e comentem sobre o que acham desses acontecimentos.

Etapa IV: Construção de uma história em quadrinhos para combater o bullying

Nesta etapa os alunos serão convidados a criar uma história em quadrinhos que fale sobre o que é o bullying, como acontece, exemplos de bullying e incentivo aos alunos que sofre tal prática para abrirem-se com os professores e com os familiares.

Os alunos precisam ter plena consciência e atitude crítica frente ao tema, por este motivo as discussões sobre esta temática são muito importantes e necessárias.

Os alunos podem realizar a confecção de suas histórias utilizando somente papel e lápis. Mas para estas histórias utilizarem recursos digitais e impressos.

A confecção de histórias em quadrinhos possibilita uma interação com outras disciplinas do currículo. Pode-se, por exemplo, realizar uma parceria com o profissional de artes da escola para uma mediação no processo de realização da confecção destas.

Antes de começar a escrita os alunos precisam escolher os seguintes itens:

1. Roteiro para construção da história: os alunos irão escolher os personagens da história a ser contada. Através da escolha dos personagens é que a história em quadrinhos ganha vida. Eles conduzem o enredo das histórias e permitem que através de suas falas ou ações a história aconteça. Nas histórias envolvendo as situações de Bullying os personagens podem ser alvos, autores ou observadores. Os alunos poderão expressar seus sentimentos através dos personagens.

2. Balões: São criados especialmente para as histórias em quadrinhos. Podem ser de vários tipos: Pensamentos, falas, emoções ou outros sentimentos. O formato deles são bem variados.

Como no exemplo abaixo:

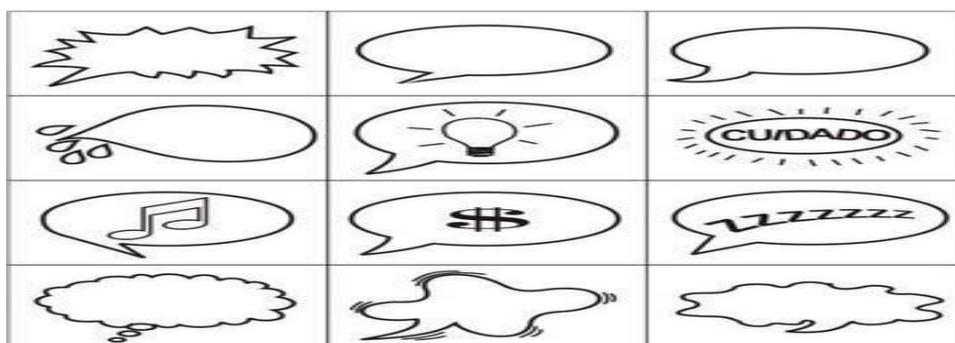


Figura 02: ilustração de balões

3. Cenários: São os locais onde as histórias acontecem. Eles podem ser internos ou externos. Os cenários podem representar os locais onde os personagens envolvem-se nos enredos das histórias.

4. Onomatopéias: São palavras que podem remeter a ação dos personagens, como socos, ruídos de ordem interna ou externa, sons de animais, ou, por exemplo, uma queda de algum objeto ou de uma pessoa. Eles podem ser: SOCK –quando acontece um soco; POW- briga; TIC TAC- barulho de relógio; CRASH- quando alguma coisa quebra.

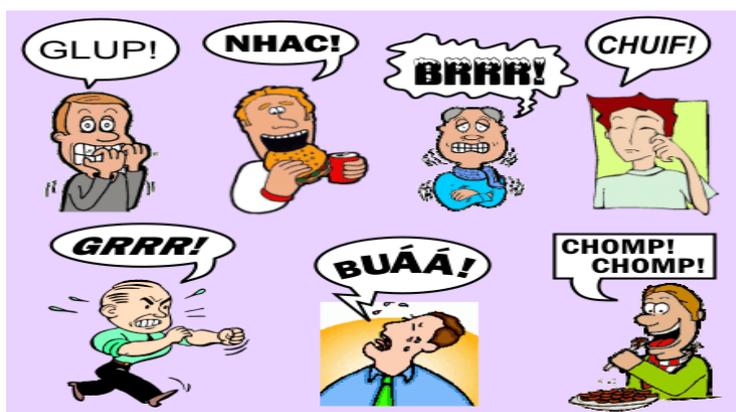


Figura 03: ilustração de onomatopéias ²

5. Quadros: Estabelecem os limites dos acontecimentos. Podem ter vários tamanhos e formatos, dependem da exigência e do conteúdo das histórias. Os quadros não precisam obedecer a uma regra de tamanho, em sua maioria, eles vão se adequando ao roteiro da história. Algumas histórias em quadrinhos podem ter mais ou menos quadros, dependendo do tamanho das narrativas ou ainda de acordo com o conteúdo que se queira passar. Desta forma, cabe ao professor ou ao aluno estabelecerem em acordo mútuo, a quantidade de quadros que devem ser colocados nas suas histórias.

Terminada a seleção, os alunos irão iniciar o rascunho das suas histórias. A produção de histórias em quadrinhos pode ser realizada de várias formas: desenhando, pintando, escrevendo ou ainda interagindo estes elementos.

Cada aluno fará o seu trabalho individualmente e após o término os alunos irão socializar as histórias.

Os professores devem disponibilizar as informações necessárias para o desenvolvimento das mesmas. A criatividade fica por conta dos alunos, que serão os grandes artistas neste

² Imagem disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=13667>
Cadernos da Fucamp, v.19, n.38, p.80-95/2020

momento. Estimular a criatividade não é tarefa simples, porém, neste quesito, nossos alunos podem ser verdadeiras revelações e nos surpreender a todo momento. O mais importante, porém é que o aluno possa expor seus sentimentos e se a situação deste aluno for um sofrimento a partir das situações de violência, que ele possa dividir estes sentimentos com alguém.

Etapa V: Construindo um GIBI

Nesta etapa os alunos apresentarão as histórias criadas em sala de aula, inclusive para outras turmas na escola.

O professor irá propor juntar todas as histórias e criar um Gibi para a turma.

Todos os alunos poderão opinar sobre o título da revista da turma.

Proporcionar a leitura de todas as histórias entre os alunos.

Indicar a ordem das histórias em quadrinho.

Fazer a diagramação do gibi da turma, scanear a revista e apresentar a mesma no projetor de multimídia para todos os alunos verem a produção final.

Etapa VI: Dramatizando uma história em quadrinhos

Nesta etapa os alunos irão eleger uma história em quadrinho, criada pelos alunos e que conste no GIBI da turma para ser encenada pelos alunos.

Fazer uma eleição com a turma.

Estabelecer critérios para eleger os personagens.

Ler a história.

Imaginar o figurino com os alunos.

Dividir as tarefas com a turma, como personagens, responsáveis pelo som, responsáveis pelo figurino, etc...

Agendar os ensaios e a data de apresentação da história em forma de teatro.

No dia da apresentação tirar fotos e entrevistar os alunos sobre o que acharam da criação da história, a encenação, aos aspectos difíceis, fáceis, etc...

Avaliação

Será realizada ao longo das etapas citadas e terá como base a participação, compromisso, atenção e criatividade das atividades desenvolvidas durante todas as etapas do projeto.

Projeto 2

Título: Hora de falar de Bullying: construindo rotinas na sala de aula

Público alvo: alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

Justificativa:

O projeto tem como objetivo mostrar aos alunos o que é um blog e criar um blog com os alunos utilizando a tecnologia. Pleiteamos um maior envolvimento dos educandos na medida em que eles serão protagonistas deste instrumento de fácil acesso e grande visibilidade. Além disso, neste espaço os alunos poderão exercitar sua criatividade para falar sobre o bullying, ao mesmo tempo que aprendem e ensinam uns aos outros.

Os meios eletrônicos chamam a atenção dos jovens e uma versão eletrônica do bullying ocorre nestes espaços, o cyberbullying. Trata-se do bullying que ocorre nos e pelos meios eletrônicos, com o uso de mensagens difamatórias ou ameaçadoras que circulam por e-mail, em sites, em blogs (os diários virtuais), nas diversas redes sociais e mesmo por mensagens enviadas por aparelhos celulares.

Nesta situação as pessoas envolvidas não estão cara à cara e com o anonimato vê-se o aumento da crueldade dos comentários e das ameaças, porém seus efeitos podem ser tão graves ou piores quanto o da humilhação face a face. Esse tormento que é a agressão pela internet faz com que a criança e o adolescente humilhados não se sintam mais seguros em lugar algum, em momento algum.

Por esse motivo a ideia do blog parece-nos efetivamente eficaz. Além do envolvimento dos alunos, o alcance das ações de disseminação do respeito às diferenças tende a ser maior. Um dos motivadores pode ser receber relatos de práticas de bullying e respostas de solidariedade e apoio a alunos que sofreram este tipo de violência.

Objetivos:

- a) Conversar sobre a deficiência do aluno com todos na presença dele.
- b) Adaptar a rotina para facilitar a aprendizagem sempre que necessário.
- c) Chamar os pais e a comunidade para falar de bullying e inclusão.
- d) Exibir filmes e adotar livros em que personagens com deficiência vivenciam contextos positivos.
- e) Focar as habilidades e capacidades de aprendizagem do estudante para integrá-lo à turma. Falar sobre a importância da solidariedade com o próximo;

f) Usar o blog para socializar as produções sobre o tema feitas em sala de aula, como os registros, o GIBI e os vídeos da peça teatral.

Desenvolvimento

Etapa 1: Conversando sobre deficiência

Nesta etapa serão apresentados alunos os diversos tipos de deficiência e a cada turma será pedida uma pesquisa.

Todos os alunos terão que apresentar a pesquisa em forma de cartazes.

É interessante que os alunos priorizem pesquisas positivas que realcem as potencialidades dos alunos com restrições físicas.

Os pais devem ser convidados.

Etapa II: Criando um jornal da escola sobre inclusão

Conversar com os alunos sobre como criar um jornal.

Convidar um técnico da escola ou da superintendência regional de ensino para auxiliar neste processo.

Em sala de aula os alunos irão escolher o nome do jornal e criar os dizeres iniciais do mesmo.

Os textos e as colunas serão divididos entre as turmas e terão um professor revisor.

Etapa III: Apresentando o jornal para a escola

Depois de criado o jornal, será alimentado com as notícias escolhidas pelos alunos.

O jornal estando inicialmente preparado será apresentado as demais turmas da escola. Os alunos irão mostrar o conteúdo do jornal (que terá as produções feitas em sala de aula) e outros selecionados pelos alunos, aprovados coletivamente e inseridos no mesmo.

No jornal deverá estar disponível o GIBI da turma que poderá ser integralmente mostrado durante a apresentação para as demais turmas da escola.

Avaliação

Será realizada ao longo das etapas citadas e terá como base a participação, compromisso, atenção e criatividade das atividades desenvolvidas durante todas as etapas do projeto.

Considerações finais

É preciso enfrentar as situações de violência ocorridas nas escolas se queremos que os alunos tornem-se cidadãos participativos e que respeitem o espaço e a vida do outro. Um fator imprescindível para que isso ocorra é a preparação do profissional da educação para enfrentar e interpretar os casos de bullying, distinguindo-o de atos de agressões casuais e reativas.

A escola é um dos mais importantes meios para a formação do sujeito, assim sendo, precisa assumir sua responsabilidade na formação de valores para garantir o convívio sadio entre os estudantes. Precisa compreender e apontar caminhos para acabar com os casos de *bullying* no ambiente escolar e reconhecer seu papel no processo de uma escola inclusiva.

Diante da questão não existe possibilidade de neutralidade. Nós, enquanto educadores não podem delegar esta missão a outras pessoas. É fundamental que as mudanças aconteçam que as mentalidades se modifiquem, que a aceitação das diversidades se concretize e a rede de consciências abertas aos "diferentes" se ampliem, possibilitando a integração dos indivíduos mesmo que sejam de culturas diferentes. É necessário reconhecer a identidade de um povo e compreender que somos diferentes, que cada cultura possui as suas peculiaridades e é isso que os identifica.

Apesar de ainda convivermos com o preconceito, estamos vivendo hoje um movimento social que busca uma sociedade mais igualitária e mais justa, que respeita a dignidade da pessoa humana, seus direitos e suas diversidades, dando oportunidades para que todos se sintam parte integrante da sociedade. É preciso superar os casos de intolerância que muitas vezes, se instala na escola, é preciso que cada um assuma sua parte de responsabilidade, empenhando-se para a superação do problema. Investir na parceria com a família e a comunidade escolar, no aperfeiçoamento profissional dos educadores, no desenvolvimento de novas competências para a construção de um novo sentido para a educação, e de um novo relacionamento na escola para assim concretizarmos o sonho de uma escola inclusiva. Porém, a escola não pode enfrentar sozinha esse fenômeno, motivo pelo qual os pais também devem ter envolvimento e compromisso com as atividades desenvolvidas pela instituição de ensino. Aliás, todos devem participar, alunos, professores, comunidade, etc...

Referências

ALMEIDA, F. J. & FONSECA JÚNIOR, F.M. **Projetos e ambientes inovadores. Brasília: Secretaria de Educação a Distância – SEED/ Proinfo – Ministério da Educação, 2000, p.22.**

ARAÚJO, U.F.; Puig, J. & ARANTES, “**Educação e Valores: pontos e contrapontos**”. São Paulo: Summus Editorial, 2007, p.98.

FERREIRA, A. Antonio. **Gestão Empresarial: de Taylor aos nossos dias. Evolução e Tendências da Moderna Administração de Empresas.** São Paulo, 1985, página 84.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: Corde, 1994.

_____. Ministério da Educação. Inclusão- **Revista da educação Especial.** Vol. 4, nº1. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BENEVIDES, M. V. M. **O desafio da educação para a cidadania.** In: AQUINO, J. G. (Org.). Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p.21.

RAMOS, A. K. S. Bullying: A Violência Tolerada na Escola. 2008, p.01. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242623618_BULLYING_-_A_VIOLENCIA_TOLERADA_NA_ESCOLA. Acesso em: 26/05/2018.

SILVA, A.B.B. **Bullying – cartilha 2010-Projeto Justiça nas Escolas.** 1ª ed. Conselho Nacional de Justiça. Brasília/DF: 2010. Disponível em< <http://www.sosprofessor.com.br/downloads/cartilhabullying.pdf>> Acessado em 28/05/2018.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva.** Rio de Janeiro, WVA, 1997, p.22.